

Fogo para o Compadre Lobo: o mal na literatura brasileira para jovens (primeiras conversas)

NILMA LACERDA



Les Contes de Perrault. Desenhos de Gustave Doré.
Paris: J. Hetzel, 1867.

A cidade grande precisa desses cortes entre pontos extremos. É muito hábil abrirem-se os morros e meter-se um túnel por eles. Em poucos minutos se vai do norte ao sul, reduzindo ao mínimo o eixo entre os dois pontos, na rosa-dos-ventos. O diabo é quando se fica preso no túnel. Como agora. As informações vão passando rapidamente por essa rede de comunicação amadora e improvisada, de motorista a motorista. Parece que é um assalto. Fecharam a boca do túnel: estão assaltando os carros da frente. Os motoristas dividem-se entre ficar parados – para não ser alvo de bala – ou abandonar os carros e fugir a pé no sentido contrário. Bem que o jornal dizia para não vir por aqui, que os tempos estão perigosos e assaltar túnel (gente presa no túnel, compreenda-se) está virando um esporte carioca. Agora, é isto: estou presa no túnel. Pressa e tendo que ouvir este senhor polido, que me aborda com certa manha, me pede fogo.

Wolfgang Iser tem razão: não nos separamos das ficções¹. O senhor à minha frente, com sua educação e olhar guloso, é o Compadre Lobo. Ele mesmo, o Lobo do Chapeuzinho Vermelho, aqui, na minha frente, em pêlo. “Olha, Compadre” – mantenho o tratamento que Perrault² deu a ele: o compadrio exorciza a ferocidade, garante a saúde das ovelhas, e não sou eu quem vá desafiar esse pacto, apesar de o Lobo não ser bom nisso de pactos. Compadre embora, comeu a carne ingênua e tenra de Chapeuzinho. “Não fumo, Compadre, ainda que fumar fosse bom nesta hora, me parece. Estamos sendo assaltados.”

Malandro, o Lobo não cai nessa. Como? É ele o predador ali, e em absoluto não quer me assaltar, só pede um pouco de fogo. “Isto é o que dá andar por túneis do tempo, Compadre.”, digo paciente. “Você caiu bem uns três séculos, senão mais, bem mais, à frente do seu tempo e não parece compreender que está tudo mudado. Agora não se assalta mais como na Idade Média, ou no início do Estado Moderno – um tipo metia-se num esconderijo na estrada, tomava o ouro, a roupa dos viandantes. Chegava, também, à carruagem quando eram tipos abastados os que se aventuravam em viagem, e fazendo-os saltar tomava-se-lhes tudo dos bolsos e dos corpos, além dos valores nas arcas. Não, Compadre. Nestes tempos, século XXI, veja bem, os assaltantes enrolam o caminho e o põem no bolso. Os viandantes, as carruagens seguem enrolados, comprimidos, amassados para serem avaliados junto a outros lotes na Grande Feira do Futuro. Você não deve perder esta oportunidade – ir lá e ouvir os pregões. Que pregões, Compadre! Você teria muito o que aprender em termos de cinismo, e máscaras.”

O Lobo se chateia, diz que só pensava em me pedir fogo para fumar um pouco, e conversar enquanto ficávamos presos no túnel. Quando a saída fosse desobstruída, podíamos até ir a um bar, tomar um vinho, o que achava eu disso?

Bem europeu, este lobo. “No Brasil, a gente vai a um bar para beber cerveja, chope, caipirinha, Compadre.” “Bom, se queres assim” – me diz.

Ardiloso, sedutor este Lobo. Conciliador? Vai ser um desastre, um lobo conciliador. Ninguém vai mesmo acreditar, todo mundo achando que Lobo que permite a você a escolha do caminho – ou da bebida a tomar – prepara tranquilamente o jantar. E parece sincero, este Lobo. Sincero, solitário, um tanto perdido. Crédula, ou já seduzida, continuo a conversar com ele, pergunto com malícia se está aqui entre nós para aperfeiçoar-se sobre a retórica do cinismo. “Um cinismo que tem tido grande sucesso entre os maiores e que a nós, ao povo, rouba o futuro, um futuro que rola nas bocas cínicas em meio a balas muito oportunas, de mel e de menta, amarelas e verdes, de acordo com o figurino oficial. Dá bailes, este cinismo. E nem precisa de fantasias ou máscaras. Está na retórica tudo aquilo que bem lhe serve. Não tenho lume, Compadre Lobo. Até minha *anima*, Compadre, sinto que se esvai em combate a mentiras e falcatruas. Perco noites de sono, Compadre, pensando no jeito de resistir. Desanimo, sou só uma escritora, não posso impetrar leis, parar os editais, tirar os vendilhões do templo. Alimento minhas fantasias, no entanto. Quisera ter o poder da mão-de-glória. Você conhece a história, não conhece, Compadre? Vem lá da sua terra. Se eu tivesse a mão-de-glória, Compadre –”

O Compadre não conhece a história da mão-de-glória. Estranho. De toda forma, não me custa contar, e se depois quiser ouvir outra, estou à disposição. Ao menos, passamos o tempo, enquanto nos devora o destino.

“Quando uma mulher era enforcada como bruxa, deviam vir à noite os interessados e decepar de um só golpe a mão esquerda, que era então posta a defumar, segura por uma cordinha, num fogo de ervas mágicas, ao mesmo tempo em que se recitava a fórmula oportuna. A mão voltava algumas vezes ao braseiro, nove noites, acho. Findo esse tempo, era guardada num saco de couro de bode que tivesse sido morto na noite do primeiro fumeiro. Um talismã precioso, a mão-de-glória. Com ela se roubava qualquer coisa, mas principalmente as imagens sacras, revestidas de ouro, prata e pedras preciosas. Bastava expor a mão-de-glória aos guardas que protegiam as igrejas, e aterrorizados eles cobriam os olhos, a cara, abaixavam-se

constrangidos, deixando passar sem nenhum dano aqueles que empunhavam o amuleto diabólico.”

Bem queria eu uma mão-de-glória que constrangesse esses senhores, mentindo mais do que o usual em tempo de eleições. Queria ter posse de um artefato que os obrigasse a dizer, não digo a verdade, que esse não é seu ofício, mas ao menos que os impedisse de mentir tão descaradamente, subestimando a inteligência de seus (e)leitores. Ou que pudesse acontecer com eles aquela história em que você, Compadre, é protagonista, e que muito serviu à minha educação. Não! Não vá me dizer que não a conhece. O menino que gritava olha o lobo!, olha o lobo!, e não tinha lobo nenhum. Não?! Até o dia em que gritou e ninguém acreditou nele, tão acostumadas estavam as pessoas a serem enganadas. E você, Lobo, claro, comeu o menino sem que ninguém viesse ajudar a pobre criança, que não contava com um desfecho tão trágico para uma brincadeira, a seu ver, absolutamente inocente.

Fui educada com essa história, que devia me ensinar o valor da verdade e os riscos da mentira. Minha mãe a contava inúmeras vezes, e o que foi que aprendi?

O que, a meu tempo, viria a encontrar em Nabokov:

*A literatura não nasceu quando um rapaz a gritar “Lobo! Lobo!” saiu a correr do vale de Neanderthal com um grande lobo na sua peugada: a literatura nasceu quando um rapaz apareceu a gritar “Lobo! Lobo” e não havia lobo nenhum a persegui-lo. O facto de o pobre diabo, porque mentiu demasiadas vezes, ter acabado por ser comido por uma fera verdadeira é meramente accidental. Mas eis o que é importante. Entre o lobo no meio do capim e o lobo no conto há um difuso mediador. Esse mediador, esse prisma, é a arte da literatura.*³

Aprendi literatura, que sustenta essa história sem qualquer pedagogia. A versão de Tony Ross, autor inglês, em *O menino que gritava olha o lobo* toma a fábula aterrorizadora ao pé da letra, acrescentando apenas um certo toque de humor. E o resultado é que você, Lobo, chegou, depois de ter sido muito chamado em vão, pôs-se a comer o menino mentiroso, desistiu, comeu os adultos, mudou de ideia, comeu o menino também.

A história é contada, o pequeno leitor é invadido pelo mal-estar, rende-se à impotência: “Acontece, fazer o quê?”⁴ – termina o narrador.

Poderíamos tomar as notas de leitura abaixo, voltadas ao magistral romance *O Leopardo*, de Tommasi di Lampedusa, como passíveis de referência também ao conto de Tony Ross e, salvas as devidas distâncias, à história de minha mãe, que naturalmente foi história de minha avó, da bisavó e da tataravó?

O autor transfere para a obra sua experiência da realidade e do humano, criando ambientes e paisagens, personagens e detalhes que se incorporam e expandem o universo do leitor. Civilizamo-nos. E o prazer que experimentamos ao mergulhar na voragem de cada detalhe é um reflexo — essencial — desse resgate que a linguagem faz da realidade nas grandes obras da literatura.⁵

A questão é essa: a literatura como projeto civilizatório. Perrault conta sua história, Compadre, para ameaçar de morte também os políticos corruptos, ou esses que fecham os túneis? “Se eu tivesse a mão-de-glória, Compadre —

Não tenho, e isso me deixa assim como estamos agora: à mercê de quem fecha a boca do túnel. Espere aí, Compadre, não tenho a mão-de-glória, mas o fogo, olha só. Não é que apareceu? Achei um fósforo, o último da caixa. É de boa qualidade, deve dar uma boa chama. E dá mesmo. Olha, Lobo, dá até para ler um livro na escuridão deste túnel.

Um livro nas paredes de pedra, quem diria? Bem podíamos ter um aqui. Conheço um poeta cujo avô estampava nas paredes da casa toda a escrita do seu desejo⁶. O neto cresceu admirando as garatujas, as entrelinhas, os registros dos acontecimentos familiares. Crescia, se espantava, aprendia. Traiu depois o próprio pai, que o enviara à escola para *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. Decerto isto era pouco para quem se acostumou a ter livro na parede. Resolveu aprender a escrever e ler para muito além da escola e vem em nosso auxílio neste momento crítico, ensinando a fazer conta no papel, provar que mentem os retóricos. Quer conhecê-lo, Compadre? Eu te apresento. É mineiro o rapaz, este Bartolomeu Campos Queirós, e é em *Por parte de pai* que começa a explicitar sua condição e formação de poeta⁷. Um poeta que escreve para crianças e jovens e que tem sustentado que leitura e poesia têm que ficar fora da escola, já que esta tem o mau vezo de tirar a graça e a liberdade de tudo o que passa de seus muros para dentro.

Um de nossos maiores críticos e alentado ficcionista afirma que a leitura faz do cidadão um leitor e não do leitor um cidadão⁸, como apregoam os entusiastas da promoção de leitura. Estou falando de Silvano Santiago, Lobo. Bom, Silvano diz isso, Bartolomeu aquilo. Concordo com um inteiramente, com outro em termos. É verdade que o caminho da inserção se faz pela via do cidadão, não pela via do leitor. O problema é que não temos cidadãos suficientes, leitores menos ainda. E quem forma um cidadão? Outro cidadão: o avô e o pai de Bartolomeu, por exemplo. Vamos tomar outro cidadão: Sebastião Salgado, um fotógrafo brasileiro conhecido em todo o mundo. Olha que

também ele é de Minas. Nas Minas se encontram muitas gemas raras. Precisamos, no entanto, de mais um cidadão: André Bechelane, um jovem professor de fotografia passeando com meninos pobres de São Paulo pela exposição de fotos do Sebastião sobre “Os expatriados de nosso tempo”, realizada no Memorial da América Latina⁹, há uns bons anos. Meninos pobres, de universo restrito, e leitores das fotografias de Sebastião. Leitores do mundo, passageiros de última hora do trem que conduz objetos na grande viagem em que se tornem sujeitos.

O fogo já acendeu o teu cigarro, Compadre, já nos permitiu algumas leituras. Ler, Compadre, é um dissenso saudável, e muito necessário nesta época de tantos consensos. É como acender um fósforo. Um fósforo que permite, com a pequena chama que oferece, ver que as coisas mudam, que entre o passeio na floresta de ontem e a excursão de hoje os perigos decerto aumentaram, mas, se cresceu o número de lobos pelo caminho, e se ainda os chamamos muitas vezes de compadres, cresceram — e bem mais — os recursos de Chapeuzinho.

Um cara que mostra bem o crescimento desses recursos é Contardo Calligaris, psicanalista e escritor. Calligaris chama a atenção para a força dos pequenos deslocamentos. Sustenta que as coisas se movem devagar, e não é apenas nas grandes transformações que se podem identificar as mudanças da sociedade. Fala num sistema de capilares, onde a rede de alimentação é extremamente eficiente, e onde pequenos deslocamentos vão se verificando, corporificando mudanças que vão dando feição a este período da História¹⁰. Aceitando a visão de Calligaris, pode-se acreditar que no campo dos leitores e da leitura modificações consideráveis, impertinentes, vêm escrevendo outras Histórias.

É paradoxal que num momento de globalização — um nome novo para a antiga situação de imperialismo e de um imperialismo sem limites como observa Pierre Bordieu¹¹ (e acrescento: sem limites e conservando as mais velhas e piores máscaras), é paradoxal que neste momento haja uma demanda e uma oferta tão grande de literatura para crianças e jovens. Não apenas uma questão de mercado, ou de ideal que se vai por fim vislumbrando graças ao trabalho de muitos, não. Como o retalho colorido que se coloca numa colcha de patchwork, e cuja harmonia no todo só se percebe com os outros pedaços postos à volta, esta categoria de recentes leitores e leitoras — uma das características do pós-moderno — é uma expressão de mudança, reconheço que desconfortável para você, Compadre.

Chapeuzinho e a avó não reconheceram sua manha fatal e foram devoradas. Perrault era radical. Estava certo. As versões seguintes adocicaram o conflito, um conflito que é, por natureza e resultados, cru. A literatura que se faz hoje para crianças e jovens – do entretenimento à criação – põe na tua cara a tua cara. Você já leu *O abraço*, Lobo? Obra incômoda, de Lygia Bojunga, autora lida preferencialmente por crianças e jovens, embora isso não seja uma regra¹². Não fica a dever nada a uma obra-prima de conhecido autor latino-americano. Penso em *O túnel* (este mesmo túnel, *Compadre*, onde nos encontramos todos, mais cedo ou mais tarde?), de Ernesto Sábato, em que o pintor Juan Pablo Castel narra o caminho que o conduziu ao assassinato de Maria Iribarne¹³. Obra corajosa, busca entre solidão e desespero a rota do mal.

O abraço olha de frente o mal. O mal que sai desse lugar entre você e a Chapeuzinho que, por falta do nome devido, ficava sendo a desobediência, o desvio, a atração sexual, a devoração, o frágil feminino, e se instala onde sempre esteve – entre todos os homens – e deixa ver a cara que é a sua própria. Se saímos daqui, tenho que apresentá-lo a um filósofo, o Denis Rosenfield. Autor de uma obra capital no pensamento contemporâneo *Do Mal – para introduzir em filosofia o conceito de mal*, Rosenfield chama a atenção para uma vontade regradada no seio da humanidade e que se destina à destruição¹⁴. Reconhecer o lugar do mal, dar a ele o nome que tem, faz a literatura alcançar a consistência, aquele princípio incluído por Ítalo Calvino em *Seis propostas para o próximo milênio*, mas que não chegou a ser escrito¹⁵. O mal é furta-cor, Lobo, e cada vez mais é posto ao alcance da discussão da massa. Massa que, já vimos – em que pese toda a transparência que lhe injetam diariamente os meios de comunicação de massa – é capaz de buscar, pela ação ambivalente desses próprios meios, a opacidade. Como, na França do século XIX, os leitores de folhetim. Eugène Sue chegou a ser deputado, numa corporificação inequívoca dos deslocamentos que a literatura pode realizar.

Liberaram o túnel, rapaz! Vamos, entra aqui, vamos sair, ver a luz do outro lado. Como a minha Trespê, personagem de *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho* que é preta, pequena e pobre, deixada para ser criada como filha da casa numa família que faz dela a criada para todo o serviço. Trespê põe em discussão com o leitor, ao longo da narrativa, se aurora é coisa de esperar¹⁶.

Aceito o convite que você me fez, Lobo. Sem falhos compadrios, estamos os dois num jogo de sedução, eu querendo ver melhor o mal em ti, tu decerto

querendo também conhecer as garras que possuo. Os assaltantes não nos arrestaram desta vez, quem sabe que mão-de-glória guarda alguém dentro do túnel? Quem sabe que literatura nos arrasta para o confronto de cada um consigo mesmo? Impotente, o menino de Tony Ross se depara com a voragem do mal. Terá alguma resposta para aquele narrador impertinente? Descobriria, antes de ser devorado, um lobo que gritasse “Olha o menino, olha o menino!”, e tinha um menino mesmo? E era o menino então...

Então. 🌿

NOTAS

- 1 ISER, Wolfgang. *O ato da leitura; uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Krestchmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 17.
- 2 PERRAULT, Charles. *Contes*. Paris: Booking International, 1993. p.110.
- 3 NABOKOV, Vladimir. *Aulas de literatura*. Trad. Salvato Telles de Meneses. Lisboa, Relógio D'água, 2004. p. 29.
- 4 ROSS, Tony. *O menino que gritava olha o lobo*. Trad. Heliosa Jahn. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2009.
- 5 GARCIA, Rodrigo Scalamandrê Duarte. A Torre e o Príncipe: assombros de Lampedusa. In: *Dicta & Contradicta*. n° 2. Disponível em <http://www.dicta.com.br/edicoes/edicao-2/a-torre-e-o-principe-assombros-de-lampedusa/> Acesso em 9 Out. 2010.
- 6 QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. Belo Horizonte: Miguilim, 1996.
- 7 _____. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: Miguilim, 1995.
- 8 SANTIAGO, Silviano. Contos gays buscam espontaneidade do jazz. *Folha de São Paulo*: 4 de janeiro de 1997. Ilustrada, p. 7.
- 9 MEMORIAL da América Latina. *Os expatriados de nosso tempo*. Exposição de fotos de Sebastião Salgado, 1996.
- 10 CALLIGARIS, Contardo. *Jornal do Brasil*. Ideias, 2 de novembro de 1996.
- 11 BORDIEU, Pierre. *Jornal do Brasil*. Ideias, 21 de abril de 1996.
- 12 BOJUNGA, Lygia. *O abraço*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- 13 SÁBATO, Ernesto. *El túnel*. 6. imp. Barcelona: Seix Barral, 2008.
- 14 ROSENFELD, Denis. *Do Mal: para introduzir em filosofia o conceito de mal*. Trad. Marco A. Zingano. Porto Alegre: LP&M, 1988. p. 151.
- 15 Calvino, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio; lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- 16 LACERDA, Nilma Gonçalves. *Viver é feito à mão / Viver é risco em vermelho*. Belo Horizonte: Miguilim, 1989. p. 58.

Nilma Lacerda é escritora, autora de *Manual de Tapeçaria*, *Pena de Ganso* e *Sortes de Villamore* e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Parte deste trabalho foi apresentado no VII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, realizado no Rio de Janeiro, em de 31/03/97 a 4/04/97, sob o título *Fogo Para O Compadre Lobo – Literatura Brasileira Para Jovens*.